

15-10-2019

As cartas de meu avô (III)

Leila Uruhay Grienz

[Psicóloga Social. Radialista]

Sem ter coragem de abrir a primeira pepita de ouro que eu achei (a carta de João Saldanha para meu avô), naquela montanha de cartas na saleta ... parei. Fui ao quintal.

Era fácil. Bastava dar 5 ou 10 passos. Com o cuidado de não desmanchar a montanha, como faz a Vale (antiga do Rio Doce) no Brasil com suas gigantescas árvores de pedra, pensei em Tia Valentina.

Claro que Tia Valentina sabia que, algum dia, alguém (provavelmente eu) viria desbastar a montanha de cartas que ela cuidadosamente conservou por décadas.

Conservou-a sem destruí-la, ao contrário de um predador celerado como a Vale. Assassinar montanhas e, junto com elas, assassinar trabalhadores é a antítese da vida.

Tia Valentina sabia que assassinar cartas era também assassinar a vida - sua memória, seu sentido, sua história, sua relevância -. Manteve-as intactas, para que ali, àquela hora pré-crepuscular, eu voltasse ao tema da brasilidade.

Tia Valentina tem esse sentimento.

Não há nada na vida melhor do que se emocionar. Nada...

Emocionar-se com a exaltação da dignidade é a única lembrança viva que eu tenho da voz do silêncio de meu avô.

Eu já disse, em algum momento que o silêncio de meu avô dava um livro. Emociona-me descobri-lo em sua brasilidade, assim como à Tia Valentina, a Milton Nascimento, a Villa Lobos e a Ary Barroso, campeões nessa arte de me deixar emocionada, em matéria de brasilidade.

Getúlio Vargas também falava em brasilidade mas não me emociona... Sua fala é dúbria:

O verdadeiro sentido de brasilidade é a marcha para oeste. No século XVIII, de lá jorrou a caudal de ouro que transbordou na Europa e fez da América o continente das cobijas e tentativas aventureiras. E lá teremos de ir buscar: os vales férteis e vastos, o produto das culturas variadas e fartas; das estradas de terra, o metal com que forjara os instrumentos da nossa defesa e de nosso progresso industrial.¹

Marcha para o oeste? Tem algo a ver com a Guerrilha de Porecatu. Como quem abre um papiro egípcio no século dezenove, arqueóloga alucinada pelo desejo de descobrir, lá estava eu. Lá estava o sentido de brasilidade que tanto me instigou e me intrigou naqueles dias. Lá estava o sentido de reencontro com o Gringo e com a forja que me forjou.

Lá estava a minha luta pela liberdade de amar em paz mulheres como eu mesma.

Lá estava o código genético da minha indignação.

Senhor Grienz, dizia João, estou aqui a vos escrever em respeito ao que o senhor representa para Antonio Silveira e Aldeziel Correia. Homens que conheci na luta por um Brasil melhor em Porecatu, e que têm por vós profundo respeito e admiração. Convenceram-me de que eu devia escrever-vos. Serei brevíssimo. Pela total confiança que vos tenho, é bem verdade, pela confiança devotada a vossos dois amigos, dir-vos-ei quem sou.

Mas, para tal mister, rogo-vos que destrua esta missiva ou, em extremo apreço, guarde-a em local absolutamente inexpugnável. Fui designado pelo Partido a comandar nossa marcha pela libertação do povo brasileiro, em Porecatu. Após breve formação em Praga e Moscou, estive na China, onde conheci o camarada Mao, que a mim, com muita honra, serviu-me de inspiração para a luta nas terras do Paraná. Confidenciaram-me, vossos amigos, de que quedar-vos em Indaial foi para que mantivésseis a célula revolucionária em completa sintonia com os acontecimentos em Porecatu. E, mais, assim que estivesse consolidada a libertação de nosso povo com a consumação da tão ansiada reforma agrária, imediatamente vós teríeis a incumbência de deflagrá-la em terras catarinenses com nossos poucos, mas combativos camaradas.

*Ocorre que os acontecimentos desfavoráveis, com a violenta repressão promovida por jagunços e pistoleiros contratados pelos grandes latifundiários e com o apoio da polícia assassina de Moisés Lupion e Bento Munhoz, forçaram à mudança de planos. Antonio Silveira, vosso querido amigo e professor, tombou na luta. Estive com ele dias antes de seu tombamento e me disse que estava disposto a lutar por um país mais justo. Disse-me com todas as letras: **J, se eu morrer, mais do que a convicção de ser brasileiro, levo comigo o sentimento de brasilidade.***

Nessa hora parei, assustada. Arrepiar-me, que em mim já não é novidade, tomou ares de volúpia, não sei explicar, arrebatamento ... chorei compulsivamente ...

Sem continuar a entender o que era aquilo, entendi, enfim, o que era brasilidade. O parágrafo seguinte estava borrado.

Quatro infinitas linhas. Quatro frases ilegíveis que jamais saberei. Por um momento achei que foram minhas lágrimas. Lágrimas assassinas, pensei, borraram 36, 40, quantas palavras? Quais? Jamais as teria de volta. Por que chorei nessa hora? Mas, depois, já com a raiva contida, vi que não foram minhas lágrimas. O borrão era parte da carta. Logo achei que foi o próprio João que a borrou, mas num rompante, sem muita convicção, chamei Tia Valentina. *“Tia, a senhora consegue ler essas linhas?” “Ah, minha filha, seu avô tinha mania de fazer isso. Quando ele não gostava de alguma coisa, ele dava um jeito de apagar... nem tente saber o que estava escrito aí...”*

Desapontada, mas serena pela absolvição de minhas lágrimas, João continuou ...

Não foi de tudo perdido, todavia. Infelizmente, não houve tempo a Antonio Silveira de saber que vos escrevo. Mas a Aldeziel comuniquei que agora o faço. Zil, como assim vós o chamáveis, conquistou seu direito à terra após difícil negociação com o governo e seus comparsas. Considero que esta foi uma etapa da libertação do nosso povo, não como gostaríamos, mas com a perseverança dos que acreditam na vitória do povo, sempre.

Como soldado do Partido fui designado para me instalar em São Paulo e continuar nossa luta junto aos sindicatos de trabalhadores. Finalizo, rogando-vos que tenhais muita cautela, mas mantende a nossa luta que é a luta do povo brasileiro.

Nossos filhos e netos gozarão do esforço de nossa luta.

Por eles lutamos. Todo vosso, JS.

Só pensei em beijar Dália, minha companheira, e revelar-lhe que o silêncio de meu avô dava um livro. ■■■

Citação

1 - Matheus Eurich Arrais: A marcha para o oeste e o Estado Novo: a conquista dos sertões. UNB - 2016 - pag. 11 (http://bdm.unb.br/bitstream/10483/15448/1/2016_MateusEurichArrais_tcc.pdf)

OS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.